



ESTADOS UNIDOS

Armas recolhidas

Depois de um debate intenso, Donald Trump e Kamala Harris se unem em celebração ao 23º aniversário dos atentados de 11 de setembro de 2001. Equipe da democrata adota "otimismo cauteloso" após duelo na televisão

» RODRIGO CRAVEIRO

Adam Gray/AFP



Observados por Joe Biden (C), Kamala e Trump se cumprimentam antes de tributo às vítimas dos ataques ao World Trade Center

As atenções durante o 23º aniversário dos atentados de 11 de setembro de 2001 se voltaram para Kamala Harris e Donald Trump. Horas depois do acirrado debate na Filadélfia, no estado-pêndulo da Pensilvânia, os candidatos democrata e republicano voltaram a se encontrar e a trocar um aperto de mãos, antes da cerimônia no local onde ficava o World Trade Center, em Nova York. Por um momento, os adversários na corrida à Casa Branca deixaram as diferenças de lado e homenagearam os quase 3 mil mortos no maior atentado terrorista da história.

A equipe de campanha de Kamala reconheceu o bom desempenho da ex-senadora californiana no debate, mas procurou se revestir de um "otimismo cauteloso". Trump, por sua vez, admitiu estar "menos inclinado" a participar de um novo duelo televisivo. "Nós vamos ter uma nova partida? Não sei. Pensaremos sobre isso", respondeu a jornalista. Mais cedo, o magnata tinha afirmado à emissora Fox News que, "quando você ganha o debate, não sabe se quer fazer outro".

O jornal *The Washington Post* divulgou, ontem, uma média das pesquisas em sete estados-chave, incluindo a Pensilvânia. Kamala lidera em Michigan, Pensilvânia e Wisconsin; Trump, no Arizona e na Geórgia. Em Nevada e na Carolina do Norte ambos estão empatados. Ontem, a vice-presidente teve compromissos de campanha na Pensilvânia e na Carolina do Norte; enquanto o republicano focou-se em Nevada e no Arizona. Até mesmo entre republicanos existia um clima de desânimo com o desempenho de Trump durante o debate.

Ao dividir o mesmo espaço com Kamala e Trump, em Nova York, o presidente Joe Biden leu uma mensagem em que enviou um recado aos extremistas. "Há 23 anos, os terroristas pensaram que poderiam dobrar nossa vontade e nos colocar de joelhos. Eles estavam errados. Sempre estarão errados", declarou. Kamala também divulgou um comunicado sobre a data e defendeu que "a unidade é possível nos Estados Unidos (...) frente ao terrorismo".

Jovem e hábil

Para David Karol, professor do Instituto do Departamento de Governo e Política da Universidade de Maryland, Kamala claramente venceu o debate de terça-feira. Ele lembrou que até mesmo republicanos, como o senador

Lindsey Graham e o jornalista Brit Hume (Fox News), chegaram a essa conclusão. "Trump esteve praticamente igual ao do debate anterior. Dessa vez, no entanto, ele enfrenta um rival muito mais jovem e mais hábil", explicou ao **Correio**. Karol destaca que isso não deveria ser algo surpreendente, levando-se em conta que o republicano também perdeu os debates contra Hillary Clinton, em 2016, e contra Joe Biden, em 2020.

"Trump nunca foi bom debatedor, especialmente no formato 'um contra um', ao contrário de em um duelo contra vários oponentes", observou o professor de Maryland. Na opinião de Karol, Trump ganhou o debate de 27 de junho porque Biden teve uma péssima noite e estava cansado. "A força de Trump está no fato de que, apesar da idade, ele normalmente parece vigoroso. O seu ponto fraco é que ele divaga, tem políticas impopulares, e quando Kamala o provocou, falou sobre suas obsessões, e não sobre as preocupações dos eleitores."

Por e-mail, Aaron Kall — professor da Universidade de Michigan e editor e coautor do livro *Debating the Donald* — admitiu que existe um consenso "esmagador" de que Kamala ganhou o debate.

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Kamala Harris foi muito suave e mostrou-se imperturbável durante o debate. Houve momentos em que acho que ela perdeu a oportunidade de atacar Donald Trump por suas inconsistências ou falsas declarações. No entanto, no geral, ela foi muito eficiente. Muitas pessoas a viram pela primeira vez. Creio que ela pareceu séria e confiável, em comparação com Trump."

David Karol, professor do Instituto do Departamento de Governo e Política da Universidade de Maryland

Ele avaliou que, desde os primeiros momentos da noite de terça-feira, a democrata encarou agressivamente a luta contra Trump, que permaneceu nas cordas. "Kamala mostrou-se como uma potencial agente de mudança. Também estava mais otimista e voltada para o futuro. Isso a conecta com eleitores indecisos que não acompanham a política diariamente", afirmou ao **Correio**.

No entanto, Kall entende que o desempenho de Kamala não foi perfeito. "Ela se repetiu algumas vezes e não foi tão agressiva quanto Trump ao tentar dar a última palavra, interrompendo o oponente e o moderador. O republicano saiu-se bem ao focar a economia, a imigração e a produção de energia", disse. Segundo ele, à medida que o debate avançava, Trump tornou-se indisciplinado e tentou litigar "velhas e cansadas queixas", consideradas resolvidas.

Para Kall, a cautela de Kamala busca manter o envolvimento dos eleitores da base, à medida que o país começa a votar antecipadamente em estados decisivos. "Fortes desempenhos em debate podem ajudar na arrecadação de fundos e influenciar os ciclos midiáticos futuros, mas podem não ter impacto na trajetória fundamental da disputa."

Rápidas

Reprodução/Instagram



Trump na cabeça

As cerimônias alusivas ao 11 de setembro propiciaram uma cena curiosa: Biden deixou-se fotografar usando um boné de campanha de Trump. A cena foi registrada em Shanksville, local da queda do voo 93 da United Airlines. "Obrigado pelo apoio, Joel!", ironizou Trump, ao publicar a imagem nas redes sociais. A Casa Branca esclareceu que o ato de Biden foi uma tentativa de encorajar um retorno à "unidade bipartidária". "Como gesto, ele deu um boné a um apoiador de Trump que disse que, no mesmo espírito, o presidente deveria colocar seu boné de Trump. Ele o usou brevemente", disse Andrew Bates, porta-voz da Presidência dos Estados Unidos.

Aval de Taylor Swift

O apoio da cantora Taylor Swift à democrata Kamala Harris não foi bem recebido por Trump e pelo bilionário Elon Musk. "Ela não era fã de Taylor Swift... Ela é uma pessoa muito liberal. Parece sempre apoiar um democrata e, provavelmente, pagará um preço por isso em suas vendas no mercado", alfinetou Trump. Musk utilizou a sua rede social X para fazer uma crítica em tom de deboche. "Tudo bem, Taylor... Você venceu... Eu te darei um filho e protegerei seus gatos com minha vida." Foi uma referência ao fato de, ao endossar Kamala, Taylor criticou uma fala de J.D. Vance, da chapa republicana, de que solteiras criam gatos para lidar com suposta frustração amorosa.

OBITUÁRIO

Alberto Fujimori, ex-presidente do Peru, 86 anos

O anúncio foi feito pelos quatro filhos do ex-presidente do Peru, por meio de comunicado à imprensa divulgado por volta das 18h30 de ontem (20h30 em Brasília). "Depois de uma longa batalha contra o câncer, nosso pai, Alberto Fujimori, acaba de partir para o encontro com o Senhor. Pedimos àqueles que o estimaram que nos acompanhem com uma oração pelo descanso eterno de sua alma. Obrigado por tudo, papai", escreveram Keiko, Hiro, Sachie e Kenji Fujimori. O Palácio do Governo informou que Fujimori será sepultado com honras de chefe de Estado, seguindo "estritamente os protocolos fixados pela chancelaria".

Alberto Fujimori tinha 86 anos e travava uma batalha contra um câncer de língua, depois de ser libertado da prisão em dezembro passado, beneficiado por um indulto humanitário, após passar 16 anos na prisão. Morreu na casa da família no distrito de San Borja, em Lima, onde esteve na companhia de Keiko, líder da Fuerza Popular (o maior partido de direita do país), e dos dez netos. Segundo o jornal peruano *El Comercio*, a saúde de Fujimori se deteriorou ao longo da última semana. Um padre foi chamado, na tarde de ontem, ao imóvel. Fujimori governou o Peru entre 1990 e 2000.

A última aparição pública de Fujimori ocorreu na quinta-feira passada, quando ele deixava uma clínica no bairro de Miraflores, na capital peruana, depois de

ser submetido a uma tomografia.

O ex-mandatário entra para a história como um líder condenado por violações dos direitos humanos e pelo fechamento do Congresso, em 5 de abril de 1992. Fujimori foi condenado a 25 anos de prisão por crimes contra a humanidade — os massacres de Barrios Altos e de La Cantuta. Este último caso envolveu a ação de um esquadrão da morte conhecido como Grupo Colina, um destacamento das Forças Armadas peruanas, que executou 15 pessoas, ao confundir-las com integrantes da organização terrorista Sendero Luminoso. Em 14 de julho, Keiko chegou a anunciar que o pai se candidataria à Presidência do Peru nas eleições de 2026.

Legado

Professor de relações internacionais da Pontifícia Universidad Católica del Perú, Oscar Vidarte Arévalos disse ao **Correio** que Fujimori foi um figura muito polarizadora. "É complexo avaliá-lo. Para alguns peruanos, o legado dele está ligado aos sucessos durante o seu governo. Para outros, como é o meu caso, estará manchado de sangue e de corrupção", afirmou. "Para alguns, ele será lembrado por ter derrotado o terrorismo (o grupo Sendero Luminoso), transformado a economia durante a difícil década de 1980 e assentado as bases políticas, econômicas e jurídicas do Peru."

Renato Pajuelo/AFP



Fujimori em dezembro de 2023, ao sair da prisão, depois de cumprir 16 anos

Arévalos destacou que Fujimori foi sentenciado por violações dos direitos humanos e corrupção. "Isso manchou completamente o seu governo. Ele implementou uma maneira de fazer política que creio ter sido nefasta."

O cientista político peruano Jose Alejandro Godoy, especialista em fujimorismo, considera que Fujimori foi um político "polêmico" para os peruanos. "Foi um presidente que chegou como

surpresa, em 1990, ao ganhar a disputa com o escritor Mario Vargas Llosa. Fez o que prometeu durante a campanha: um choque econômico, com reformas estruturais de mercado. Deu um golpe de Estado contra os mais pobres, em 1992, tornando-se autoritário", avaliou.

Segundo Godoy, a popularidade de Fujimori esteve atrelada ao controle da inflação, à captura dos líderes terroristas do Sendero Luminoso e do Movimento

Eu acho...

Arquivo pessoal



"De alguma maneira, espero que a morte de Alberto Fujimori signifique o fim de uma era dominada por práticas nefastas, clientistas, mafiosas e ilegais. Práticas que não fizeram bem para ninguém em meu país."

Oscar Vidarte Arévalos, professor de relações internacionais da Pontifícia Universidad Católica del Perú

Revolucionário Tupac Amaru, e a uma política assistencialista. "Mas, durante seu governo, centenas de pessoas sofreram execuções extrajudiciais." O estudioso lembrou que Fujimori ameaçou as instituições democráticas e criou um estilo autoritário baseado no controle da mídia. "Será lembrado como o primeiro líder peruano condenado por um tribunal e como o criador de um movimento político marcante (fujimorismo)." (RC)